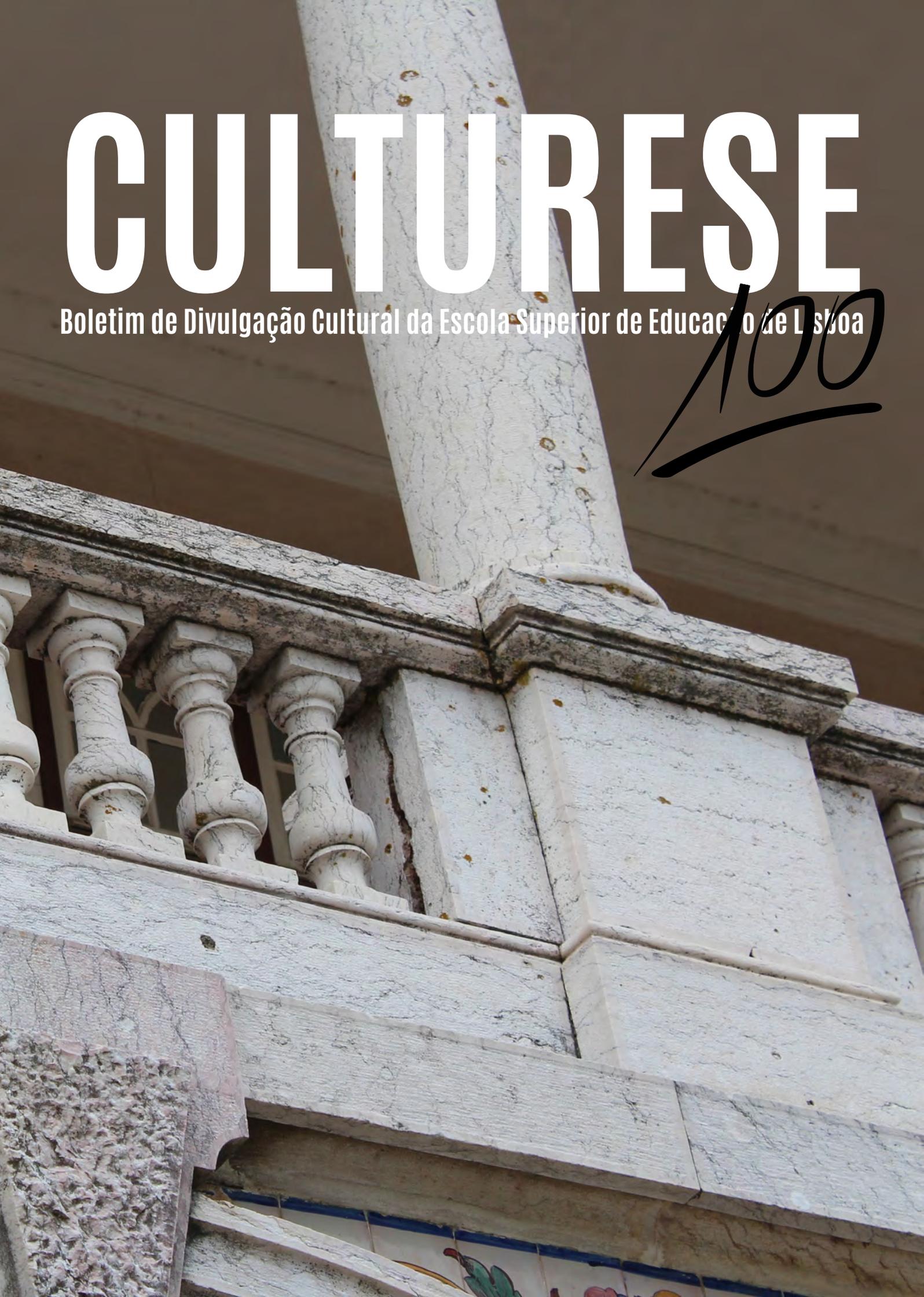


CULTURESE

Boletim de Divulgação Cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa

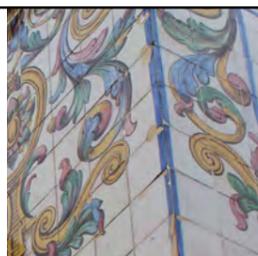
100



ÍNDICE

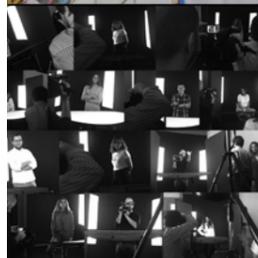
03

EDITORIAL



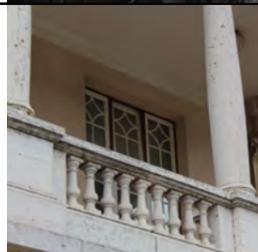
04

A IMPORTÂNCIA
DA FORMA
E DA COR



06

COMO TUDO
COMEÇOU



08

CELEBRAÇÃO
DAS 100 EDIÇÕES
DO CULTURESE



09

HÁ VIDA PARA
ALÉM DA ESE



13

SUGESTÃO



16

EVOCAÇÃO



EDITORIAL



Esta é a edição nº 100 do boletim cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa. É por isso tempo de balanço e de agradecimentos. O balanço é fácil de fazer: valeu a pena. Os agradecimentos são muitos, mas absolutamente necessários e pertinentes, porque, sem a ajuda, a colaboração, a generosidade e o bom gosto de todos aqueles que aqui deixaram o seu contributo, o *CultureSE* teria sido muito mais pobre e não teria valido a pena.

Queremos assim agradecer a todos aqueles que nos concederam entrevistas, falando-nos das suas vidas, dentro e fora da ESELx: Miguel Branco, Noélia Fernandes, Cláudia Baixinho (antigos alunos do curso de Educação Básica) Mário Palma, da licenciatura em Animação Sociocultural, Manon Marques, professora responsável pelas disciplinas de Coro e Conjuntos Vocais, no curso de Música da Comunidade, Alfredo Dias, professor responsável pelo curso de Animação Sociocultural e pelas disciplinas de História e Geografia, Maria João Frade, professora da ESELx até ao ano de 2010 e atualmente diretora da Casa da Avenida, em Setúbal.

Agradecemos também a preciosa colaboração de todos os que escrevem para a rubrica “Sugestão”, partilhando connosco os seus gostos e interesses pela literatura, o cinema, as artes plásticas: Alfredo Dias, Natália Vieira, Joana Campos, Cristina Cruz, Encarnação Silva, Ana Teodoro,

Kátia Sá, Carlos Telo, Nuno Ferreira, Lina Brunheira, Paulo Rodrigues, assim como as alunas Helena Wemans e Soraia Vaz.

Um agradecimento especial aos alunos do primeiro ano do curso de Mediação Artística e Cultural que realizaram o nº93 do *CultureSE* com propostas culturais escolhidas e divulgadas por eles.

À Marta Abreu Silva e Ana Isabel Silva, um enorme agradecimento por toda a colaboração e dedicação, especialmente na condução das entrevistas.

Aos leitores, muito obrigada por nos terem lido e acompanhado até ao nº 100!

Embora não tenhamos neste número as habituais rubricas de eventos, não podemos deixar de assinalar a magnífica exposição fotográfica “Lanzarote, a janela de Saramago”, de João Francisco Vilhena, patente ao público na Casa da Avenida, em Setúbal, e de que nos fala Maria João Frade, que tivemos o prazer de convidar para o no espaço entrevista desta edição nº100.

Regressaremos no início de outubro, com mais propostas de eventos, espetáculos e novidades culturais.

Boas férias!

A IMPORTÂNCIA DA FORMA E DA COR

CÁTIA RIJO

A colaboração com o *CulturESE* começou de uma forma muito pessoal. Pouco depois de ter iniciado a minha atividade na ESELx, fui contactada pela direção da revista para uma parceria, com o intuito de tornar a revista graficamente mais apelativa. Com muito gosto aceitei o repto e renovei o seu grafismo, no entanto, rapidamente percebi que seria uma mais-valia para este projeto a integração dos alunos neste desafio. Desta forma, incluí o *CulturESE* enquanto projeto editorial no 1º ano no curso de AVT na unidade curricular de Design Gráfico I. As melhores propostas de *layout* seriam selecionadas para dar vida à revista. No entanto, com a periodicidade que o *CulturESE* tem, não era possível, apenas com o apoio transdisciplinar da UC, garantir a sua realização de 15 em 15 dias... daí o papel do Designlab4u.

O Designlab4u é um projeto de cariz profissionalizante que visa quer a imersão dos estudantes do Curso de Artes Visuais e Tecnologias da ESELx em contextos de trabalho reais quer de produções de índole gráfica em resposta às solicitações que nos são feitas: objetos promocionais, sinalética, stands ou web design, ficando assim a Escola Superior de Educação de Lisboa dotada de um Laboratório de Comunicação de nível profissional (do ponto de vista humano e material).

Este laboratório fornece estágios curriculares profissionalizantes aos estudantes e trabalha em colaboração com o gabinete de Comunicação e Imagem da ESELX, tendo como ponte a colaboradora Susana Torres. Desta forma, pretende-se proporcionar aos alunos a oportunidade de colaborar em projetos reais com projeção na Comunidade.

Sendo esta a nossa missão, tornou-se óbvia a escolha da integração da equipa do Designlab neste projeto tão pertinente que é o *CulturESE*. A partir daí, o resto é história... a brincar, a brincar, estamos a celebrar a edição número 100!



COMO TUDO COMEÇOU

ANTÓNIA ESTRELA

CULTURESE 100

Como surgiu a ideia de um boletim cultural da ESELx?

A ideia partiu da constatação de que a adesão da comunidade escolar da ESELx aos eventos oferecidos pela instituição era muito reduzida e sentimos que era função do Conselho Pedagógico tentar fazer algo que contrariasse essa tendência para uma certa letargia. A criação do boletim pareceu uma ótima ideia. Para além disso, sentimos que era necessário contribuir para o incremento das práticas culturais dos nossos alunos, o que não se reduzia à participação na vida da ESELx.

Como implementaste o projeto e asseguraste a sua divulgação?

A secção de dinamização Cultural do Conselho Pedagógico, constituída por mim e pela Joana Ferreira, começou por pensar na estrutura do boletim, quer no que diz respeito ao conteúdo, quer no que diz respeito à forma. Tomadas algumas decisões, iniciamos o trabalho. Foi sempre muito interessante fazer a recolha da informação relativa aos eventos que tinham lugar na ESELx, mas também no exterior.

Relativamente à divulgação, o boletim começou por ser enviado através de email para toda a comunidade da ESELx e também para ex-alunos, parceiros e cooperantes. Era, ainda, disponibilizado, na página da Escola. Aí havia um espaço para subscrição do boletim e houve sempre muita adesão de pessoas exteriores à Escola. Muitas vezes, o *Culturese* era reenviado para novas listas de contactos daqueles que inicialmente o recebiam. Até nós chegavam mensagens muito elogiosas em relação ao serviço que oferecíamos. Isso era sempre gratificante.

Quais foram as colaborações que tiveste?

O *Culturese* foi desenvolvido por mim e pela Joana Ferreira, um elemento precioso. Pontualmente, contávamos com a colaboração de outras pessoas, que davam sugestões e enviavam eventos para serem divulgados.

Quais são as tuas sugestões para a continuidade do projeto?

Penso que o projeto ganhou uma dimensão mais apelativa desde que se abriu a uma nova equipa. Parece-me que o caminho seguido é bastante profícuo. De alguma forma, poderia ser pertinente tentar perceber o impacto efetivo que o *Culturese* está a ter na participação da comunidade escolar nos eventos da ESELx e no aumento das nossas práticas culturais. Depois de aferidos estes pontos, poderia eventualmente haver lugar a alguma inovação.

CELEBRAÇÃO DAS 100 EDIÇÕES DO CULTURESE

JOANA FERREIRA



O CulturESE está de Parabéns! É com muita satisfação que vejo este projeto continuar e atingir tão grande marca, 100 edições. Lembro-me bem do seu “nascimento”. Tudo começou em 2012, numa reunião da Secção de Dinamização Cultural do Conselho Pedagógico, em que se falava da fraca participação dos alunos nos eventos culturais que decorriam na ESELx. Seria por desinteresse? Por não haver divulgação suficiente? Eram dúvidas que nos assolavam... Como forma de divulgar os eventos e, quiçá, estimular o interesse dos alunos, na companhia da Professora Antónia Estrela, pensámos criar uma agenda na qual constassem os eventos culturais da ESELx assim como da área metropolitana de Lisboa.

Depois de cerca de cinco números criados e enviados a toda a comunidade escolar, considerámos que seria interessante incluir uma página final com partilhas literárias, musicais, frases inspiradoras, e assim fizemos. Nem sempre foi fácil manter este projeto, sobretudo nas fases de maior trabalho, mas com persistência, fomos conseguindo. Foi muito bom ter feito parte da criação deste boletim, e a sorte de tê-lo feito em tão boa companhia (Professora Antónia Estrela). Parabéns a toda a equipa atual que continua a esforçar-se para que este projeto continue! As maiores felicidades, e aqui estarei a continuar a acompanhar o seu crescimento!



HÁ VIDA PARA ALÉM DA ESE

ENTREVISTA COM MARIA JOÃO FRADE
CASA DA AVENIDA



Olá, Maria João! Como surgiu o projeto cultural da Casa da Avenida, em Setúbal?

Olá, Helena! Que bom voltar a esta casa, a Escola Superior de Educação de Lisboa.

Esta ideia já existia há algum tempo e depois pôde ser concretizada com a hipótese de recuperação do espaço que é hoje a Casa da Avenida. A iniciativa surgiu da vontade de trabalhar na área da cultura, e porque houve a possibilidade de reocupar o segundo andar de uma casa que era da minha mãe. E assim lançamos o projeto da Casa da Avenida, em junho de 2011. A primeira exposição foi feita à porta fechada, para ver como funcionava. Convidamos amigos, ouvimos as opiniões, as reações de todos eles. Entre junho e outubro, paramos um pouco para pensar, mas, como tinha sido muito bom, tinha dado imenso prazer, as pessoas tinham gostado imenso e achado o espaço ótimo, vimos que havia possibilidade de continuar. Tinha o apoio de uma amiga, a Graça Pinto Basto, com quem já trabalhava noutros projetos. Decidimos avançar e a partir daí....

Nunca mais pararam...

Sim... é um sem fim de atividades!

Talvez então possas fazer um balanço destes seis anos.

Se calhar, em termos de quantidade, teria feito menos projetos, mas achei que, por ter apostado em Setúbal e por querer afirmar a presença da

Casa na cidade, nunca parei. Fui fazendo muita coisa sem grandes intervalos, para habituar as pessoas a uma grande continuidade nas atividades que apresentava. E acho que essa aposta foi ganha, porque, agora, já me posso dar ao luxo de espaçar mais as exposições e os outros eventos. Dar mais importância àquilo em que eu estou neste momento a apostar, a saber, o Serviço Educativo da Casa. Se todo o espaço agora fechasse, as pessoas já sentiriam muita falta, acho eu. Já não são só os habitantes de Setúbal que vão lá. Também há muitos visitantes dos arredores, de Lisboa, de Cascais, de Sintra. A Casa começa a ser referenciada fora do círculo mais próximo.

Como designarias ou caracterizarias a Casa da Avenida. É uma galeria?

Não. É uma casa. Uma casa que também é uma galeria. Mas uma casa que serve para fazer música, apesar de não ser uma casa de espetáculos, é uma casa que serve para fazer performances, apesar de não ser um teatro, é uma casa onde se fazem milhares de ateliers, onde se organizam conversas, debates, onde se fazem exposições, uma casa de educação e de cultura. Estou cada vez mais a relacionar a vertente educativa com a vertente cultural. Todas as exposições são pretexto para fazer ateliers, para visitas guiadas. Agora comecei com os ateliers de continuidade, ou seja, durante um ano, faço ateliers com o mesmo grupo de alunos. As escolas, durante quatro ou seis meses, têm atividades regulares na própria escola ou na Casa. Portanto, é uma

aposta forte no serviço educativo, sempre em estreita relação com a vertente cultural.

Quais são os critérios que presidem às escolhas que fazes para a apresentação dos eventos, dos artistas...

Para já, tenho sempre uma grande dificuldade em dizer que não. É uma característica minha. Mas há coisas que eu não quero mesmo lá. Este é o meu critério: o meu gosto pessoal. Depois, tento alternar os artistas locais, de Setúbal, e pessoas de todo o país, de Lisboa, por exemplo. Tinha também alguns compromissos que tinha de respeitar. Depois, há pessoas de fora. Franceses, marroquinos, italianos, brasileiros, que também já expuseram as suas obras na Casa. Tento também alternar os chamados artistas emergentes e autores já consagrados. Já passaram pela Casa o Rogério Ribeiro, o Romualdo, pessoas que tive a sorte de poder lá levar, e muita gente nova. Tento conciliar as duas gerações. Em termos de critérios, tanto pode ser pintura como escultura, como colagem... qualquer expressão artística é possível. Posso fazer exposições individuais, coletivas, fazer exposições nos dois pisos, rés-do-chão e segundo andar. Por exemplo, há dois anos, escolhi como tema a paisagem. Fizemos paisagens em ação; houve artistas novos que foram construindo as paisagens ao longo do tempo da exposição. Depois, acrescentamos a paisagem intemporal de um pintor de uma geração mais velha. Houve, portanto, o cruzamento de dois modos de ver a

paisagem.

Reservaste o espaço do rés-do-chão para a arte contemporânea. É isso?

Sim, contemporânea, mas também para os ateliers, eventos que permitam a entrada de toda a gente. Depois, esse espaço tem a característica de ter as paredes de cimento cinzento, onde se pode escrever e apagar. É um ambiente diferente do ambiente do piso de cima, apesar de podermos fazer exatamente as mesmas coisas nos dois espaços. A única diferença é mesmo a luz. A luz do segundo andar é belíssima.

Já falaste de algumas atividades para o público mais novo. O que mais lhe propões?

Atividades de leitura, escrita criativa, por exemplo. Organizei também há pouco tempo quatro sessões de palavras cruzadas integradas num projeto com a escola. O cruciverbalista, Paulo Freixinho, que faz as palavras cruzadas para todos os jornais do país, esteve com quatro turmas de 6º ano a conceber e resolver palavras cruzadas, que se fizeram na parede, com giz. As atividades à volta do livro, para todos os tipos de públicos, também me interessam muito. Todas as exposições em que eu posso intervir contêm em si alguma informação literária. Fazem-se também lançamentos de livros, ateliers à volta dos livros, feiras de livros. Convidam-se os autores. Já fizemos duas edições dos “Três Dias de Livros”. Durante três dias, de manhã à noite, só nos dedicamos aos livros. A primeira edição

foi mais generalista, tivemos ateliers, o João Barrento foi falar de Maria Gabriela Llansol, recebemos o José Jorge Letria, tivemos conosco os ilustradores da Ilustrarte, a Danuta Wojciechowska, os grandes ilustradores da Editora Planeta Tangerina e o gémeo Luís, do Porto. Recebemos também uma livraria que é simultaneamente uma oficina de encadernação, a Arte do Livro. A segunda edição já foi mais orientada para crianças e jovens. Nessas sessões, construímos livros também.

O que fazem a esses livros? As crianças levam-nos para casa?

Sim, mas podem fazer exposições ou deixar alguns conosco para o nosso acervo. Numa das últimas sessões, partimos de um livro de Alves Redol, *A flor vai ver o mar...*, e as crianças reescreveram-no e fizeram as ilustrações, talvez durante três meses. Depois, fizemos uma exposição com os trabalhos produzidos por eles.

É, portanto, uma forma de ainda continuares ligada à educação.

Pois, porque não passo sem isso. E sinto um prazer enorme em estar com a miudagem a fazer todas estas atividades. Os mais pequenos e os mais crescidos.

Fala-nos um pouco da última exposição que tens na Casa da Avenida, “Lanzarote, a janela de Saramago”.

Sim! O Saramago está *lá*, com a sua ilha, porque a Casa da Avenida é parceira do Festival de Música de Setúbal, que acontece agora no último fim de semana de maio. Este ano, o tema do festival é a Península Ibérica e as migrações. Por isso, era fatal que o Saramago se cruzasse conosco. Contactamos o João Francisco Vilhena. Ele tem uma exposição de fotografia itinerante, com muito interesse. Ficou muito contente por poder expô-la na Casa. São fotografias lindíssimas. Ele é um ótimo comunicador e faz também visitas guiadas em que comenta as fotografias. Ele conviveu com o Saramago em Lanzarote. Voltou lá depois de o Saramago morrer. Portanto, há algumas fotografias com o Saramago e outras só com os ambientes em que ele viveu. No domingo, dia

28, estarão lá a Pilar del Rio, o João Brites, que encenou alguns textos do Saramago, novamente o João Francisco Vilhena, que voltará para uma pequena conversa sobre o autor. Depois, é preciso desmontar tudo e começar a preparar outro evento, o Festival da Ilustração, que começa logo na semana a seguir.

Quem trabalha contigo?

Eu, eu e eu! A Graça apoia-me quando pode, e registo todas as sugestões e propostas que me vão fazendo. Tenho também recebido alguns pedidos para acolher estagiários. Quer da escola profissional de Setúbal, quer da Secundária D. João II, quer do Instituto de Emprego e Formação profissional, quer do curso de Animação da Escola Superior de Educação de Setúbal. Tenho, portanto, o seu apoio durante o tempo em que eles lá estão. Colaboram em algumas atividades. Houve umas alunas que já fizeram um dossier de apresentação da Casa da Avenida. Outra aluna de desenho digital 3D fez um percurso da Casa em 3D, por exemplo.

Quais são as memórias que tens da ESE? Foste cá professora, pertenceste ao Conselho Diretivo, entre muitas outras funções.

Foram belíssimos anos. Passei por várias fases, por vários lugares, por várias funções... até que chegou a altura de ir embora. Fiz imensos amigos aqui, e a componente letiva e pedagógica deu-me sempre imenso prazer.

Sim. Até porque estás a voltar a ela por outra via.

Sim, e acho que ainda posso contribuir para a formação dos mais jovens, agora de uma forma mais liberta, sem burocracias, fora do contexto institucional da escola.

Quais são os teus planos para o futuro?

Gostaria de trabalhar em torno da poesia visual. Vou pensar nisso para o próximo ano. Gostaria de ter mais parcerias, mais intercâmbios. Gostava também de ter hipótese de ter algum apoio financeiro. Mas quero sobretudo continuar; continuar a fazer cada vez melhor.

SUGESTÃO



Berlinale
67th Internationale
Filmfestspiele
Berlin
Berlinale Special
Gala

AUGUST DIEHL STEFAN KONARSKIE VICKY KRIEPS OLIVIER GOURMET

O JOVEM KARL MARX

UM FILME DE RAOUL PECK

HANNAH STEELE ALEXANDER SCHEER HANS-UWE BAUER MICHAEL BRANDNER IVAN FRANEK PETER BENEDICT NIELS BRUNO SCHMIDT MARIE MEINZENBACH

ARGUMENTO PASCAL BONITZER RAOUL PECK DIRETOR DE FOTOGRAFIA KOLJA BRANDT REFERENCAS BENOÎT BAROUH CHRISTOPHE COUZON QUADRA-ROUPA PAULÉ MANGENOT SOUND JÖRG THEIL BENOÎT BIRAL MAQUILAGEM ANNE MORALIS MONTAGEM FRÉDÉRIQUE BROOS

BRANDA SONORA ALEXEI AIGUI CASTING SYLVIE BROCHERÉ PRODUÇÃO NICOLAS BLANC RÉMI GRELLETY ROBERT GUÉDIGUIAN RAOUL PECK COPRODUÇÃO BENNY DRECHSEL KARSTENSTÖTER PATRICK QUINET UMA PRODUÇÃO AGAT FILMS & CIEAND VELVET FILM

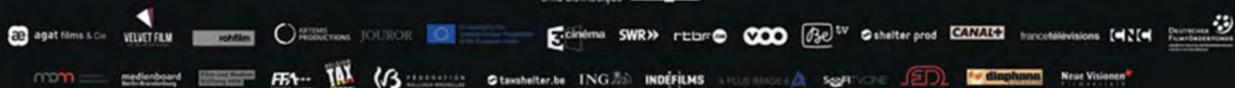
EM COPRODUÇÃO COM ROHFILM ARTEMIS PRODUCTIONS FRANCE 3 CINÉMA JOURJOUR SÜDWESTRUNDFUNK RTBF (TÉLÉVISION BELGE) VOO ET BE TV SHELTER PROD COM A PARTICIPAÇÃO DE CANAL + FRANCE TÉLÉVISIONS DISTRIBUIÇÃO DIAPHANA (FRANÇA) NEUE VISIONEN

WILD BUNCH (ALEMÂNHA) COM A PARTICIPAÇÃO DE CENTRE NATIONAL DU CINÉMA ET DE L'IMAGE ANIMÉE DEUTSCHER FILM FÖRDERFONDS MDM - MITTELDEUTSCHE MEDIENFÖRDERUNG MBB - MEDIENBOARD BERLIN-BRANDENBURG FILM

ET MEDIENSTIFTUNG NRW FILMFÖRDERUNGSANSTALT - MIT UNTERSTÜTZUNG DER DEUTSCH-FRANZÖSISCHEN KOMMISSION TAX SHELTER DU GOUVERNEMENT FÉDÉRAL DE BELGIQUE

CENTRE DU CINÉMA ET DE L'AUDIOVISUEL DE LA FÉDÉRATION WALLONIE-BRUXELLES EN ASSOCIAÇÃO COM MERCURE INTERNATIONAL TAX SHELTER BE ING INDÉFILMS 4 A PLUS IMAGE 6 SOFTVOCINE 3

uma distribuição FILME4VOU



O Jovem Karl Marx

Não é tarefa fácil fazer um filme sobre Karl Marx (1818-1883), já em pleno século XXI, sem cair na crítica fácil ou na apologia panfletária. Mas, felizmente, podemos hoje ver O Jovem Karl Marx nas salas (poucas, é certo!) de cinema de Lisboa. O filme de Raoul Peck oferece-nos um excelente retrato de uma época, de uma personagem que influenciou toda a história do século XX e do poder que as ideias têm para transformar o mundo.

Ajudando-nos a perceber a relevância da parceria criada entre Karl Marx e Friederich Engels (1820-1895), este filme coloca-nos na origem do movimento comunista internacional, por onde circulavam outros nomes como o de Proudhon (1809-1865), considerado o pai do pensamento anarquista, e que influenciaram toda a história do movimento operário na Europa.

O filme termina em 1848, ano em que Marx e Engels escrevem o Manifesto do Partido Comunista, o ano das revoluções que abalaram as velhas monarquias europeias: foram os tempos daquela que ficou conhecida como a “Primavera dos Povos”.

No ano em que se assinala o centenário da Revolução bolchevique na Rússia czarista de 1917, este filme não podia surgir em melhor altura. Neste período que vivemos, em que o espectro dos nacionalismos populistas e fascizantes ameaçam as democracias europeias, este filme vem lembrar a importância das ideologias quando queremos ser cidadãos críticos, disponíveis para participar na mudança do mundo.

Lisboa, 3 de maio de 2017

Alfredo Gomes Dias

EVOCAÇÃO

PAULO FERREIRA RODRIGUES



João Martins



(Birmânia, Laos)

“[...] começa aqui a sua dança do pavor, dá voltas cegas em redor das árvores, chora em silêncio porque não se atreve a misturar a voz com a floresta.”

Hélia Correia, sobre Lillias Fraser em criança.

Tão perto de todos os dias. O difícil é parar a palavra, aquietar o som. Desvendar a generosidade do silêncio. Encontrar. Não esquecer. Ser destemido no olhar. Tocar. O real fantasiado entre a luz e o escuro. O absurdo do credível. Lugares outros. Nós. Ser-se constante na dispersão, na incerteza das florestas em cada rosto. Um tempo veloz em que se enraízam as mãos. Ou o inverso de todas as letras na procura de sentido.

COMISSÃO EDITORIAL

Helena Barroso
Cátia Rijo

DESIGN GRÁFICO

Rui Medronho

CONTACTO

culturese@eselx.ipl.pt



ESCOLA SUPERIOR
DE EDUCAÇÃO
DE LISBOA